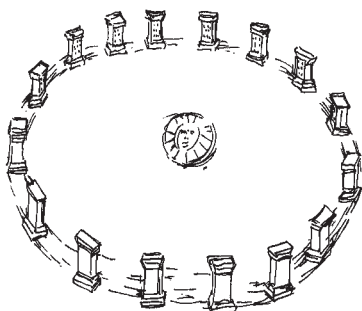


DIIS Ꞇ DEABVSQVE

ACTAS DO II COLÓQUIO
INTERNACIONAL DE EPIGRAFIA
«CULTO E SOCIEDADE»

JOSÉ D' ENCARNAÇÃO



SINTRIA

III - IV
1995 - 2007

MUSEU ARQUEOLÓGICO DE SÃO MIGUEL DE ODRINHAS

ENDOVÉLICO – 400 ANOS DEPOIS

José d'ENCARNAÇÃO
Universidade de Coimbra

This paper is intended to present an overall view of what has been written on Endovellicus from the 16th century until now. Endovellicus was an indigenous god, who was worshipped in southern Lusitania.

É seguramente Endovéllico a divindade da Lusitânia mais conhecida, porquanto lhe foram dedicados perto de uma centena de ex-votos, a que já humanistas do século XVI, como André de Resende, se referiram copiosamente.

E ainda hoje o mistério que dele dimana é fonte de inspiração para os mais variados domínios do saber. Assim, não admira que João Aguiar tenha escrito o romance *A Voz dos Deuses (Memórias de um Companheiro de Armas de Viriato)* (Lisboa, 1984²), em que relata a «História de Tongio, filho de Tongétamo, sacerdote do grande deus Endovéllico e guardião do seu santuário»; e o psiquiatra Carlos Braz Saraiva, na coluna *Turbulências*, que habitualmente assina no *Jornal de Coimbra*, haja intitulado uma das suas crónicas «À procura de Endovellicus, Deus da Lusitânia» (*ib.*, edição de 18 de Janeiro de 1995, p. 24), pois que, guiado pela leitura de Leite de Vasconcellos, lá se dispusera, «de mala aviada, aparelhado para o seio da mãe natureza» a ir ao encontro do «Deus certamente poderoso que os romanos encontraram na Lusitânia», acrescentando:

«Em locais ermos, em cabeços de fragas, portanto mais próximos da abóbada celeste, de onde cai a luz e outros mistérios, ao cimo de uma escadaria talhada na rocha, é possível perceber os altares de sacrifício para os momentos que fazem a história dos ciclos da vida».

Desse santuário, que deve ter sido, na verdade, grandemente célebre na época romana, sito na freguesia de Terena, concelho do Alandroal, por enquanto ainda se não identificaram os vestígios eventualmente existentes, a não ser que lhe tivesse pertencido a referida escadaria de que Carlos Braz Saraiva apresenta fotografia, a ilustrar o seu texto. A escadaria é, porém, segundo cremos, a que Manuel Calado, que escreveu recentemente (Alandroal, 1993) a *Carta Arqueológica do Alandroal*, aponta (p. 59, n.º 2) como pertencente ao santuário da Idade do Ferro localizado na Rocha da Mina e de que traz fotografia na p. 65; aí se vêem também, escreve o citado autor, pavimentos talhados na rocha.

Do «santuário» de S. Miguel da Mota trata Manuel Calado mais adiante (p. 61, n.º 28). Entre os elementos identificados, refere uma «inscrição em bronze» (sem mais explicações) e anota:

«No lado oriental do cabeço, são visíveis vários socalcos encerrando provavelmente restos de estruturas. No topo observa-se uma plataforma quadrangular onde deveria assentar o edifício do santuário».

E, após algumas indicações bibliográficas, comenta:

«O local domina visualmente a área envolvente e dispõe de uma boa acessibilidade».

A possível identificação desses vestígios com o santuário – que constituiu a «estreia arqueológica» de Leite de Vasconcellos «e logo com auspiciosa felicidade», como afirma (1905, p. 112) – será, certamente, uma das perspectivas da futura investigação: os restos do santuário não terão, decerto, sumido por completo e uma prospecção cuidadosa, miúda, não deixará de trazer novidades, apesar da «fúria da eucaliptização» «que até à volta dos templos da Lusitânia chegou» «e é uma dor de alma ver o que se passa no Alandroal», como assinala Braz Saraiva, que desabafa, doloroso:

«A troco de uns milhares de contos em madeira vai-se corroendo a história de um povo, aquilo que nos permite identificar como Nação, ao longo dos séculos».

Tentaremos que tal não aconteça. E cremos que nesse sentido vai também a vontade da autarquia local.

*

Deixemos, porém, por uns momentos, o desejável futuro e demos duas ou três pinceladas acerca do passado.



Fig. 1 – IRCP 496: Helvia Avita *cumple o seu voto a Endovólco.*

Muitos dos monumentos epigrafados, ex-votos ali devotamente colocados pelos crentes, em cumprimento de promessas ou na esperança duma celestial benesse, foram, como se sabe, trasladados de Terena para Vila Viçosa por D. Teodósio († 1563), 5º duque de Bragança, um grande entusiasta por antigualhas. Aí os viriam a encontrar os homens do século XIX e, em 1890, Leite de Vasconcellos não hesitou em trazer para Lisboa esses e os que ainda restavam nas ruínas da ermida de S. Miguel de Mota, após negociação com o proprietário do outeiro, Manuel Inácio Belo, e a expensas do Governo. O empenho viera, aliás, na sequência do apelo lançado por Gabriel Pereira, em 1889:

«A ermida está em ruínas; é o galinheiro do *monte*: não é barbárie o destruir de vez os paredões; será grande perda o deixar que algum curioso nacional ou estrangeiro aproveite as pedras: estas seriam um ornamento no museu de Évora ou nos museus de Lisboa... Eu peço que salvem esses monumentos».

E não foi, certamente, sem emoção, que Leite de Vasconcellos, que transcreve esta passagem (1905, p. 120), comentou:

«Tudo isto se fez depois e os monumentos estão salvos».

É o Museu Nacional de Arqueologia Dr. Leite de Vasconcellos – cujos responsáveis tiveram a gentileza de, expressamente para este Encontro, nos presentear com a exposição de alguns dos monumentos epigráficos mais significativos desta divindade – que hoje guarda esse importante espólio.

*

Mas já muito antes essas ruínas haviam suscitado a admiração dos que delas tiveram conhecimento e múltiplas foram as lendas que, desde o primeiro momento, se forjaram para explicar o aparecimento do templo.

Recordo, a título de exemplo, o que se lê num diálogo publicado, em 1759, na designada *Academia dos Humildes e Ignorantes*. Aí se explica, a dado passo, que, estando o território actualmente português em posse dos Cartagineses, aportou na costa meridional um barco vindo de Chipre, carregado de gregos. O governador de então, Maherbal de seu nome, aprisionou o navio, «sem lhes valer aos pobres hóspedes abraçarem-se com os ídolos de Vénus e Cupido que traziam consigo». E Maherbal iniciou uma visita até Elvas, em cujas proximidades «adoeceu perigosamente»; e, tendo consultado os adivinhos que o acompanhavam, logo estes lhe sugeriram que «a enfermidade era castigo do deus Cupido, por haver ofendido os

Gregos de Chipre, de quem era venerado; e que, para desagravo disso e do desacato cometido contra a sua imagem, devia edificar um templo». Essa, pois, a origem do templo a Endovélico, onde, por iniciativa do capitão cartaginês, se colocou uma estátua de prata, com asas no pés.

Uma história que fora, aliás, posta a circular por Frei Bernardo de Brito (1597, pp. 137 e segs.), «maravilhosa e absolutamente fantástica», como a classifica Leite de Vasconcellos (1905, p. 113).

Há, pois, toda uma historiografia acerca do que, ao longo destes 400 anos, a imaginação fértil dos escritores ditou a propósito desta divindade.

Que se saiba, foi André de Resende (1593, fols. 233-236) o primeiro a copiar, em letra de forma, oito das inscrições que o duque mandara embutir no frontispício do convento dos Frades Agostinhos, transcrição que termina com o seguinte comentário:

«Nominis Endouellici causam, aut originem ego penitus ignoro. Nisi si ab oppido propinquo, quod Endouellia forte diceretur, nomen esse impositum.

Quod si nebuloso infoelicis gentilitatis aeuo superstitionibus addicti Lusitani fuere, certe euangelica luce radiante morati diu non sunt quin veri dei cultum, & religionem amplecterentur» (fol. 236).

Ou seja: sobre Endovélico nada sabe; ou talvez o nome se relacione com a proximidade de alguma fortaleza de nome idêntico. No entanto, como religioso que era, não deixou de acrescentar que bem depressa, decerto, os Lusitanos abandonaram esse culto e se converteram à religião verdadeira.

Emílio Hübner, ao compilar as inscrições da Península Ibérica, não omitirá nenhuma das conhecidas ao seu tempo provenientes do *fanum* de Endovélico: *CIL* II 127-142, 5201-5209, 6265-6269, 6329-6331, 6334-6336. Trata-se do primeiro *corpus* cientificamente interpretado acerca desta divindade, de cuja importância se faz eco.

Não se cuide, porém, que acabaram assim as lucubrações a respeito das características do deus.

Ainda em 1870, Teófilo Braga cita várias das interpretações que «os nossos bons maiores deixaram sobre a divindade lusitana conhecida pelo nome de *Endovellicus*» (p. 2); afirma que Visitação Freire de Carvalho (cf. Leite de Vasconcellos, 1905, p. 118) o faz corresponder a Marte, dando-lhe o atributo de «o sol equinocial da Primavera», hipótese que considera «a mais corrente» (p. 5); e, após umas comparações com *Hypsisto*, outra divindade, conclui que «esta divindade não se deve procurar no

olimpico ibero-fenício, mas que pertence exclusivamente à grande família das divindades heleno-italicas» (p. 7). E apresenta quinze inscrições.

Em 1878, Gabriel Pereira apresenta os textos das inscrições de Vila Viçosa; cita e transcreve o que Emílio Hübner anotara nas *Noticias Archeologicas de Portugal* e responde-lhe:

«Enquanto à dúvida sobre as variantes *Endovellico* e *Enobolico* podemos afirmar que não resultam de engano de cópia; são muito reais. É sabido que nas inscrições há frequentes variantes ortográficas: os romanos, como é natural, latinizavam os nomes estranhos. Se essa latinização era frequentemente caprichosa nos maiores eruditos, como o não seria nas últimas províncias do império, entre humildes canteiros?» (p. 43).

Disserta, depois, longamente sobre a transformação de *Endo* em *Genio*, relacionando estas palavras com *endex* ou *éendes*, «o ovo de negaça, colocado no sítio em que se quer que a galinha» ponha e que F. A. de Campos filia «no copta *éendes*, prolífico, fecundo» (p. 54). Mas não nos parece tirar qualquer conclusão aplicando estas ideias a *Endovellicus*.

A 17 de Setembro de 1880, lê o Pe. Joaquim José de Rocha Espanca uma extensa comunicação à Sociedade de Geografia, de que, a título de mera curiosidade e para que se dê conta da importância já então atribuída ao tema, se nos afigura interessante apresentar o respectivo esquema:

- I – História literária deste assunto (pp. 253-256 e 274-275);
- II – Inscrições publicadas até agora (pp. 275-279) [são 16];
- III – Destino que têm tido as lápides inscricionárias que ficam registadas (pp. 279-280);
- IV – Lenda erudita do templo e sua fundação (pp. 280-282);
- V – Explicação do termo endovelico e individualização da divindade que ele representava (pp. 282-284);
- VI – Inscrições inéditas. Viagem do autor deste opúsculo a Terena (pp. 284-290);
- VII – Forma das aras e onde foram cortadas e lavradas (pp. 290-291);
- VIII – Lugar onde precisamente floresceu o templo de Endovélico (pp. 291-293);
- IX – Destino que teve o celebrado templo e como foram desaparecendo as suas ruínas.

Já fizemos referência à actuação de Leite de Vasconcellos. Contudo, por se tratar de um texto de não muito fácil acesso, de que, em 1975



Fig. 2 – IRCP 489: *Uma dedicatória feita por um servus.*

(pp. 181-182), só transcrevi as conclusões mais salientes, talvez interesse aqui anotar que, na edição do jornal *O Dia* de 10 de Maio de 1890, aquele investigador se apressou a prestar pública conta dos trabalhos arqueológicos a que acabara de proceder em Terena, sem prejuízo de, sobre eles, vir a publicar «um trabalho desenvolvido», em que, como afirma, «descreverei por miúdo, classificarei e interpretarei» os objectos exumados (p. 4). Um exemplo que nunca será de mais enaltecer. Já aí Leite de Vasconcellos faz uma introdução ao tema, aludindo a quantos o haviam versado, comentando:

«Mas se nesses trabalhos há alguns com crítica e observações aproveitáveis, noutros só encontramos conjecturas infundadas [...]» (p. 1). E «um dos autores que mais contribuiu para propagar noções erradas sobre Endovélico foi Bernardo de Brito» (*ib.*).

Prometera Leite de Vasconcellos (1905, p. 112) «escrever ulteriormente, e publicar, uma monografia circunstanciada sobre o assunto», limitando-se, nas *Religiões*, «a expôr apenas o mais essencial, e em resumo» (*ib.*). Confessa, porém, em 1938, que «o estudo desenvolvido que prometi fazer do culto de Endovélico ainda o não fiz nem farei; disse porém do assunto o bastante nas *Religiões*» (p. 213). Na verdade, o texto das *Religiões*, de que também já nos fizemos eco, é deveras elucidativo: o primeiro parágrafo constitui uma completíssima notícia histórico-bibliográfica, de dez páginas (112-122), onde comenta, segundo a cronologia, «tudo ou quase tudo o que no campo da História se tem escrito, em opúsculos ou artigos especiais, a respeito dele» [Endovélico]; o segundo enumera, em esquema, os «monumentos arqueológicos»; trata o terceiro da «significação do deus» (pp. 124-131); debruça-se, no quarto, sobre o culto (pp. 131-144), para perorar, no quinto (pp. 144-145), sobre a origem do culto. Em apêndice (p. 145-146), Leite de Vasconcellos diz implicitamente que a invocação de S. Miguel veio substituir a de Endovélico, mercê da comum atribuição de génio tutelar da medicina.

Na primeira grande síntese acerca da ocupação romana do território actualmente português, que se deve a Vergílio Correia (1928), reafirma-se que Endovélico teria sido uma «divindade tópica talvez assimilável a Esculápio» a que sucedeu S. Miguel, «Arcanjo tutelar da Medicina» (p. 253).

Cabera, todavia, a Scarlat Lambrino (1951) a tarefa de reflectir, demoradamente e com outros dados entretanto conhecidos, acerca das características desta invulgar divindade. E o epigrafista romeno refugiado em Portugal justifica desta forma o seu empenho em escrever um artigo exclusivamente dedicado a Endovélico: é que importava este reexame, porquanto Leite de Vasconcellos não tivera tempo de explorar a totalidade dos monumentos

(p. 94). Transcrevi já (1975, pp. 183-184) o que, sobre o teónimo, considere de mais significativo desse importante artigo; contudo, talvez interesse saber que, após uma introdução teórica acerca do significado da existência de tão elevado número de dedicatórias, Lambrino comenta algumas inscrições, refere-se à existência de um santuário e sublinha a importância do facto de a região, quando os Celtas aí chegaram, por volta de 500 a.C., já ser habitada por uma população autóctone há longos séculos (p. 105).

Ponto alto da sua argumentação é a discussão relativa à eventual identificação de Endovélico com Esculápio, preconizada por Leite de Vasconcellos. Assim, depois de afirmar que «segundo o hábito romano, o nome da nossa divindade é muitas vezes precedido do título de *deus*» – «distinguiam-se desse modo as divindades provinciais, quer elas tivessem nomes indígenas ou romanos» (p. 106) – tece amplas considerações a propósito das variantes do teónimo e conclui que Endovélico não é um deus médico. Resumi também, em 1975 (p. 183), os argumentos apresentados, mas quiçá não seja inoportuno transcrever essa passagem:

Esculápio «teria podido implantar-se aqui se existisse uma poderosa divindade local, parecida e que gozava desde há muito dum grande prestígio? É pouco provável. Se tal tivesse acontecido, as duas divindades ter-se-iam fundido por sincretismo numa só e provavelmente Esculápio teria substituído o seu rival em S. Miguel da Mota. Ou então, Endovélico, “ultrapassando-o”, teria adoptado mais claramente os atributos do recém-chegado. Ora, nos numerosos monumentos descobertos, não existe traço de serpente, de galo ou de cão, animais simbólicos de Esculápio» (pp. 115-116). É certo que Gabriel Pereira viu lá esculpado um cão; Leite de Vasconcellos fala duma pedra «que parece» um cão – se fosse mesmo, Leite de Vasconcellos ter-se-ia agarrado fortemente ao argumento (p. 116). As fórmulas sugerem a existência de um oráculo; mas nada indica que seja de natureza médica (p. 117).

Quanto à suposta representação do hemiplégico – um dos grandes argumentos de Leite de Vasconcellos em prol das qualidades medicinais da divindade – sustenta Lambrino que esse baixo-relevo nada mais é do que a representação do próprio deus; e justifica:

- 1º) está de pé: se curado, qual a doença?
- 2º) num templo ao deus, não é verosímil a representação do dedicante;
- 3º) a nudez só é admissível para os deuses.

E explicita:

«O artífice que a esculpiu quis também ele reproduzir o tipo de homem nu em repouso, apoiado sobre a perna direita e com a esquerda flectida, que se perpetuou na arte grega e romana depois de Policleto. Mas, por falta de jeito, não soube dar a inflexão da perna esquerda, de sorte que ela apareceu mais curta» (p. 119). «De resto», acrescenta, «as doenças eram representadas nos ex-votos de modo muito diferente. (...) Fazia-se esculpir a parte do corpo que se submetia à intervenção divina, mas cuidadosamente isolada».

Conclui, pois, que se trata de um deus infernal (pp. 121-125), passível de relacionar-se com a divindade gaulesa *Succellus* (pp. 130-136), mormente devido à coexistência, na região alentejana, de monumentos funerários em forma de pipa (as cupas), forma indirecta – segundo Lambrino – de lembrar *Succellus*, cujo atributo primordial era justamente um tonel. Esta ideia foi, como se sabe, posta em dúvida por José María Blázquez (1962, p. 163) e o próprio Lambrino a ela renunciou implicitamente, aquando da comunicação que apresentou, em 1964, ao Colóquio Internacional sobre os Imperadores Romanos de Espanha, realizado em Madrid, porque já se lhe não refere e porque, a determinado momento, diz expressamente: «(...) e o deus dos túmulos em forma de tonel, se não se aceita que ele se chame *Succellus*» (p. 226). Aliás, é aí que, de forma lapidar, Scarlat Lambrino caracteriza o *Endovellicus* «do Alentejo» que «nos faz ver sobre os seus numerosos altares palmas, coroas de flores, pinhas, símbolos de vida eterna, ou mesmo génios portadores de tochas, que sugerem a ideia duma divindade psicopompa. Trata-se, pois, de um deus da vida além-túmulo, que pode outorgar aos seus fiéis a vida eterna e aí os conduzir» (p. 230).

A título de curiosidade, poder-se-á acrescentar ainda a opinião de Rogério Azevedo, um arquitecto portuense que tentou incursões nos domínios da linguística antiga, com a ideia de que muitas palavras tidas como pré-latinas não passavam de vocábulos derivados do grego. Assim, em relação ao teónimo *Endovellicus*, a sua etimologia assentava, segundo ele, em ἔνδο(ν) + βέλ(ος), *-icus*, que significaria «dardo que penetra fundo». Era, pois, «com sobrada razão, o equivalente lusitano – mais refinado – de Esculápio. Atendia não só à parte física da dor como também à do espírito. O étimo βέλ(ος) (dardo) tanto pode representar *tudo* o que causa uma dor viva e aguda, como, por analogia, pode representar *tudo* o que fere ou atinge o coração ou o espírito» (1958, p. 370).



Fig. 3 – IRCP 521: *Exemplo da variante Endovollico.*

Já temos, pois, ideias bastante concretas acerca de Endovélico e do seu culto.

Assim, como vimos, as inscrições – datáveis, na sua maioria, dos séculos II e III da nossa era – sugerem que se trata de um númen protector das almas no Além mas a quem também se recorria nomeadamente em caso de doença, pois a ele se fazem promessas «pela saúde» de alguém. Venerado, à maneira romana, por gente de todas as classes sociais (escravos, libertos, cavaleiros, homens, mulheres...), Endovélico é invocado sob designações várias (Endovélico, Endovólico, Enobólico...), o que se justifica por os seus devotos serem oriundos, muito provavelmente, de uma ampla área geográfica, com diferentes “dialectos” ou modos de pronúnciação.

Aceita-se igualmente a identificação de *Endovellicus* com as divindades adoradas em Postoloboso (*Vellicus*) e em Cerro Andebalo (*Andobellicus*), ideia que defendemos, pela primeira vez, em 1984 (p. 801), apoiando a hipótese lançada por F. Fernández-Gomes, em 1973. Foi nessa ocasião que estudámos em pormenor todas as inscrições conhecidas até aí (*IRCP* 483-559 – outras já apareceram depois, como se pode ver no apêndice bibliográfico) e apresentámos um estudo que desejámos exaustivo sobre os testemunhos epigráficos do seu culto (pp. 800-805), a completar agora com a descrição dos elementos escultóricos entretanto revistos por Vasco de Souza (1990, n.ºs 78-112).

No entanto, o que ainda hoje – que descobertas idênticas se fazem um pouco por toda a parte – fascina no estudo deste culto dos nossos antepassados é a vitalidade que ele deteve no seu tempo: as referidas variantes do nome; a persistência e intensidade do culto (patente, designadamente, na quantidade de ex-votos, ímpar, no seu género, no mundo romano), as suas características divinas (dá oráculos, aparece aos crentes...). Daí que epigrafistas, linguistas e arqueólogos continuem a interessar-se por ele – uma investigação sempre susceptível de trazer novidades.

E na actualidade – em que se privilegiam as raízes locais; em que se procura potenciar o que, em cada sítio, tornou a História singular – talvez não seja despropositado formular um voto: que as entidades governamentais, em estreita colaboração com o Museu Nacional de Arqueologia e a Câmara Municipal do Alandroal, ponham mãos à obra no sentido de virem a proporcionar ao visitante uma ideia do que, em tempos recuados, ali de importante se passou. Escavações meticolosas seguidas da “musealização” do que se encontrar e da construção dum museu “comemorativo” são, em

nosso entender, tarefas a que urge lançar mãos, na defesa e valorização dum património que se não pode deixar esquecer.



Fig. 4 – IRCP 527: *A placa, de letras avinadas a carvão, que se encontra embutida na Igreja da Senhora da Boa Hora, em Terena; os dedicantes pertencem à classe equestre.*

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO (R.), 1958, «Onomástico ibérico (tentativa etimológica), Teogonia», *Boletim Cultural*, 21, Porto, pp. 337-389.
- BLÁZQUEZ MARTÍNEZ (J. M.), 1962, *Religiones Primitivas de Hispania*, Roma.
- BRAGA (T.), 1870, *Estudos da Edad Media*, Porto/Braga.
- BRITO (B. de), 1597-1609, *Monarquia Lusitana...*, I, II, Lisboa (2ª ed., I e II, 1690).
- CARVALHO (A. da V. F. de), 1843, «Observações sobre a divindade que os Lusitanos conhecerão debaixo da denominação de Endovelico», *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, I.1, Lisboa, pp. 81-97.
- CORREIA (V.), 1928, «O Domínio Romano», in PERES (D.), dir., *História de Portugal*, I, Barcelos, pp. 215-290.
- ENCARNAÇÃO (J. d'), 1975, *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal (Subsídios para o seu Estudo)*, Lisboa.
- , 1982, «Textos fragmentados em honra de Endovélico», *Ficheiro Epigráfico*, 3, Coimbra, n.º 10.
- , 1984, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis (Subsídios para o Estudo da Romanização)*, Coimbra (= IRCP).
- , 1986, «Inscrições romanas do *conventus Pacensis*. Aditamento», *Trabalhos de Arqueologia do Sul*, 1, Évora, pp. 99-109 (p. 105).
- , 1988, «Divindades indígenas peninsulares: problemas metodológicos do seu estudo», in *Estudos Sobre la Tabula Siarensis* (Anejos de *Archivo Español de Arqueología*, IX), Madrid, pp. 261-276 (sobretudo pp. 272-273).
- ESPANCA (J. J. de R.), 1882, «O Deus Endovellico dos Celtas do Alentejo», *Boletim da Sociedade de Geografia*, 2, Lisboa, pp. 253-256 e 274-296.
- FERNÁNDEZ-GOMES (F.), 1973, «El santuario de Postoloboso (Candeleda, Avila)», *Noticiario Arqueológico Hispánico. Arqueologia*, 2, Madrid, pp. 169-270.
- GIMENO (H.), VARGAS (G.), 1992, «Inscripción inédita dedicada a Endovellico», *Ficheiro Epigráfico*, 42, Coimbra, n.º 188.
- HÜBNER (E.), 1869, *Inscriptiones Hispaniae Latinae*; 1892, *Supplementum* (= *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II), Berlin (= CIL II).
- , 1871, *Noticias Archeologicas de Portugal*, Lisboa.
- LAMBRINO (T. S.), 1951, «Le dieu lusitanien Endovellicus», *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*, 15, Coimbra, pp. 93-146.
- , 1965, «Les cultes indigènes en Espagne sous Trajan et Hadrian», in *Les Empereurs Romains d'Espagne. Actes du Colloque International sur les Empereurs Romains d'Espagne*, Paris, pp. 223-242.
- LETTE DE VASCONCELLOS (J.), 1890, «O Deus Lusitano Endovellico (Noticia Succinta)», *O Dia*, n.º 848, 10 de Maio, Lisboa.
- , 1905, *Religiões da Lusitânia*, II, Lisboa.
- , 1938, *Opúsculos*, V, parte I, Lisboa, pp. 197-213.

- MACIEL (M. J. P.), MACIEL (I. D. P.), 1985, «Fragmento de ara a Endovólico, de Juromenha», *Ficheiro Epigráfico*, 15, Coimbra, n.º 64.
- PEREIRA (G.), 1878, «Mithologia Iberica (Inscrições Endovellicas de Villa-Viçosa)», *A Renascença*, Porto, pp. 42-43 e 54-55.
- RESENDE (A. de), 1593, *De Antiquitatibus Lusitaniae Caeteraque Historica, quae Exstant*, Évora (2ª ed., Coimbra, 1790).
- [SANCTA RITA, J. de], 1760, *Academia dos Humildes e Ignorantes. Dialogo entre hum Theologo, hum Filosofo, hum Ermitão, e hum Soldado...*, II, Lisboa, pp. 192-195.
- SOUZA (V. de), 1990, *Corpus Signorum Imperii Romani*, Coimbra.
- VIVES (J.), 1971-72, *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona, inscrições n.ºs 812-849 (= *ILER*).

[Este trabalho está conforme o original de 1995.]